



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co](mailto:revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
Colombia

2022

Cinthia Demaria, Nádia Laguárdia de Lima & Domenico Cosenza

**Uma abordagem psicanalítica do suicídio na adolescência**

Revista Affectio Societatis, Vol. 19, N.º 36, enero-junio de 2022

Art. # 10 (pp. 1-27)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

# ARTÍCULO DE REFLEXIÓN

---



# UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Cynthia Demaria<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

cikademaria@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7808-4019>

Nádia Laguárdia de Lima<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

nadia.laguardia@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7949-0169>

Domenico Cosenza<sup>3</sup>

Universidade de Pavia, Italia

docosenza03@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6860-3113>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v19n36a10>

## Resumo

Adolescentes e jovens encontram diferentes formas de se evadirem da cena do mundo. No contexto contemporâneo, encontramos os suicídios lentos ou ‘não violentos’ a partir do uso de substâncias químicas, da ingestão ou da recusa de alimentos, da exposição a fatores de risco, do suicídio inconscientemente buscado mediante acidentes letais, dentre ou-

---

1 Doutoranda e Mestre em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

2 Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Pós doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3 Professor no Departamento de Psicologia da Universidade de Pavia (IT) e docente do Instituto Freudiano. Membro da Associação Mundial de Psicanálise.

tros. Neste artigo nos debruçaremos sobre a abordagem psicanalítica do suicídio na adolescência, a partir da localização do tema na obra freudiana

na e lacaniana, além da discussão de autores contemporâneos.

Palavra-chave: suicídio, adolescência, psicanálise

## UN ENFOQUE PSICOANALÍTICO DEL SUICIDIO EN LA ADOLESCENCIA

### Resumen

Los adolescentes y los jóvenes encuentran diferentes maneras de evadirse de la escena del mundo. En el contexto contemporáneo, encontramos los suicidios lentos o “no violentos” mediante el uso de sustancias químicas, la ingesta o el rechazo de alimentos, la exposición a factores de riesgo, el suicidio buscado inconscientemente a través de accidentes

mortales, entre otros. En este artículo nos centraremos en el enfoque psicoanalítico del suicidio en la adolescencia, a partir de la localización del tema en las obras freudianas y lacanianas, además de la discusión de autores contemporâneos.

Palabras clave: suicidio; adolescencia; psicoanálisis

## A PSYCHOANALYTIC APPROACH TO ADOLESCENT SUICIDE

### Abstract

Teenagers and youngsters find different ways to escape from the world scene. In the contemporary context, we can find slow or “non-violent” suicides through chemical substances, ingestion or refusal of food, exposure to risk factors, and suicide unconsciously sought through fatal accidents, among others. This paper

will focus on the psychoanalytic approach to adolescent suicide, identifying this topic in both Freudian and Lacanian works and discussing contemporary authors.

Keywords: suicide, adolescence, psychoanalysis

## UNE APPROCHE PSYCHANALYTIQUE DU SUICIDE À L'ADOLESCENCE

### Résumé

Les adolescents et les jeunes trouvent différents moyens d'échapper à la scène du monde. Dans le contexte contemporain, nous assistons à des suicides lents ou « non violents » par l'utilisation de substances chimiques, l'ingestion ou le refus d'aliments, l'exposition à des facteurs de risque, le suicide inconsciemment recherché par des accidents mortels, entre

autres. Dans cet article, nous nous focaliserons sur l'approche psychanalytique du suicide à l'adolescence, en repérant ce sujet dans les œuvres freudiennes, lacaniennes, et chez des auteurs contemporains.

Mots-clés : suicide ; adolescence ; psychanalyse

Recibido: 14/06/2022 • Aprobado: 26/9/2022

## Introdução

A clínica contemporânea com adolescentes é marcada pelo gozo como um direito. Tutelados por um Outro obscuro que substitui a família, decapita os ideais e se recobre de mistérios, o que se transmite é a aniquilação e o sacrifício como a única saída digna. Ao psicanalista resta levar em conta a falha na ‘programação prescrita’ pelo mercado, no momento de vacilação subjetiva em que se apresenta como uma forma de angústia.

A clínica psicanalítica com adolescentes nos ensina que a passagem do adolescente a um reconhecimento e a uma subjetivação daquilo que o move em seu desejo é problemática, e frequentemente, não o conduz a uma assunção de sua própria escolha pulsional, mas antes, à sua própria recusa. Na adolescência o sujeito encontra-se numa bifurcação entre escolher a via do sintoma, tal qual é considerada pela psicanálise, ou a via da recusa radical, como rechaço ou ruptura da própria relação do sujeito com o sexo.

O ato suicida circunscreve nesta época como uma marca no corpo e uma recusa ao outro, situando a angústia como um ato, mais legítimo do que a subjetivação pela palavra. Neste artigo percorreremos uma releitura bibliográfica do suicídio para a psicanálise, em interlocução com autores contemporâneos, no intuito de elucidarmos a clínica do ato em nossa época.

## O suicídio na psicanálise

A questão do suicídio para a psicanálise começou a ser trabalhada por Freud (1969/1901) em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, onde ele reservou um capítulo para falar sobre os equívocos na ação e os lapsos da fala. Para ele, basta um acidente a partir dos lapsos na fala, para que se considerem os equívocos da ação como formados da mesma maneira que os lapsos. Acidentes esses que podem ser qualificados por um uso inadequado de um objeto, por passos

em falso, ou até ferimentos auto infligidos. “Nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico” (p. 181).

Os danos autoinfligidos ao qual se refere Freud (1969/1901) são uma transação entre o impulso autodestrutivo e as forças que atuam contra ele. Para o pai da psicanálise, nos casos em que se chega ao suicídio, existiu anteriormente, durante muito tempo, uma chamada inclinação com maior ou menor força ou uma tendência inconsciente e reprimida. Ou seja, para o sujeito que suicida é provável que tenham sido produzidos distintos momentos contra si mesmo de um modo real ou simbólico. Para Freud, tanto a intenção consciente quanto a inconsciente de suicidar-se envolve a escolha do tempo, dos meios e da ocasião para fazê-lo. O psicanalista cita os numerosos casos de desgraças que parecem casuais ou de “azar”, desde acidentes de carro a feridas causadas a si mesmo ou aos outros por estar limpando uma arma de fogo, por exemplo.

Na conferência “Contribuições acerca do suicídio” Freud (1969/1910) aborda o suicídio como algo obscuro e de causas desconhecidas. Para ele, pode-se tomar como ponto de partida a condição de melancolia e uma comparação entre ela e o afeto do luto, todavia, “as vicissitudes experimentadas pela libido nesta condição são totalmente desconhecidas” (p. 218). Neste texto, o psicanalista questiona se a renúncia à autopreservação teria como base motivos do próprio eu: “Estávamos ansiosos em saber como seria possível subjugar-se o poderoso instinto da vida: se isso pode acontecer com uma libido desiludida, ou se o ego pode renunciar à sua autopreservação, por seus próprios motivos egoístas” (p. 209).

Convidado a falar sobre a temática em uma escola, Freud (1969/1910) aponta que o modelo educacional pode implementar frente aos seus educandos, aqueles traumas que outros adolescentes experimentam em suas particulares condições de vida. Para Gallo (2021), na atualidade, para algumas crianças, sobretudo para aquelas mais inibidas e temerosas por não serem tão ousadas ou sociáveis, não é difícil experimentar a exclusão ou o rechaço de seus colegas, e essas circunstâncias de maltrato e violência escolar podem chegar a se converter em gatilhos de suicídio. Todavia, nem mesmo o caráter

epidemiológico consegue explicar ou reduzir a causa a uma questão objetiva ou unívoca. A variável desconhecida do suicídio exige ser observada a níveis subjetivo, familiar, social e educativo. “O suicídio de um ser humano, seja individual ou coletivo é um mistério sem solução, algo ao qual não há vacina que funcione” (p. 37).

Sobre essa questão preventiva, Freud (1969/1910) aponta que uma instituição educativa ou familiar precisa mais do que não impedir os impulsos dos jovens ao suicídio, elas precisam difundir neles o prazer de viver e oferecer-lhes apoio no período da vida em que o seu desenvolvimento os obriga a afrouxar os vínculos com a casa dos pais e com a família.

Um dos pontos de partida teóricos de Freud para pensar o tema do suicídio foi a melancolia, que o autor diferencia do luto (Freud, 1969/1917). A correlação entre os dois parece justificada pelo quadro geral dessas duas condições. De modo geral, o luto é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente (ou o ideal de alguém). Para algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia ao invés de luto, e assim suspeita-se de uma condição patológica. Embora o luto também envolva importantes afastamentos daquilo que se constitui como atitude “normal” para com a vida, Freud (1969/1917) não o considerou como condição patológica, pois após um lapso de tempo o luto é superado.

Os traços da melancolia, por sua vez, caracterizam-se por um desânimo altamente penoso, incluindo a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima, culminando numa expectativa delirante de punição. Embora os mesmos traços possam ser encontrados no luto, com exceção da perturbação da autoestima, o fato de conseguirmos explicar que o luto se refere a uma perda de alguém e que o estado penoso se encerra, essa atitude não parece patológica (Freud, 1969/1917).

Uma vez que o objeto amado não existe mais, exige-se que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. No luto, as lembranças e as expectativas isoladas das quais a libido está vincula-

da ao objeto é evocada e hipercatexizada e o desligamento da libido se realiza em cada uma delas. Para Freud (1969/1917), esse penoso desprazer pode ser considerado natural, fazendo com que uma vez concluído o trabalho do luto, o ego fica outra vez livre e desinibido. A melancolia também pode estar relacionada à perda de um objeto amado (uma morte ou uma separação amorosa, por exemplo), mas a melancolia está relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contrapartida ao luto, no qual nada existe de inconsciente em relação a perda.

No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego (Freud, 1969/1917). O paciente melancólico apresenta um ego desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível, esperando ser expulso e punido. Esse quadro de um delírio de inferioridade é, para Freud, completado pela insônia e pela recusa de se alimentar, por uma superação do instinto que compele todo ser vivo a se apegar à vida.

Na melancolia há uma relação objetual particular, um enlaçamento que é destruído. Segundo Freud (1969/1917), acontece um recolhimento da libido ao eu, que é onde se estabelece uma identificação do eu com o objeto que se foi, como se a sombra do objeto recaísse sobre o ego. Uma vez julgado como objeto perdido, vê-se uma perda do eu, o que Freud reconhece como uma importante fixação no objeto e logo, uma fraca aderência do investimento depositado, apontando a base narcísica sobre a qual é feita a escolha objetual. Diante deste obstáculo, o investimento de carga depositado no objeto regride ao narcisismo, e o amor depositado no objeto é substituído pela identificação narcísica. Assim, a identificação do sujeito ao objeto possibilita que o eu se castigue e se mate, matando assim o objeto com o qual se identificou. A distinção entre a melancolia e o quadro depressivo presente em um processo de luto se dá, portanto, a partir da relação do sujeito com o objeto. Na melancolia há um *deixado caído* [*laissé tombé*], uma desvalorização radical. Há uma saída da cena do mundo, fora de toda demanda ao Outro, fora do campo da transferência (Freud, 1969/1917).

Na clínica contemporânea a melancolia é confundida inclusive pelos manuais de psiquiatria com a chamada “depressão profunda”

ou “transtorno bipolar” (Gallo, 2021). Uma vez relacionada a intenção suicida a algum desses quadros, torna-se ainda mais atraente a proposta da medicalização via antidepressivos. Atrás do desinteresse pela vida e de tal manifestação do sujeito como “aquele que não aceita ajuda” e “não quer fazer nada”, produz-se um suicídio, que mesmo numa época marcada pela suposta transparência – com sujeitos sendo veiculadores de suas próprias imagens pela publicação desenfreada nas redes sociais – ainda instaura um corte, uma surpresa. O suicídio é, portanto, um suicídio subjetivo, uma morte simbólica, pois o sujeito começa cortando os laços que o sustentam como se tivesse sido retirado o valor afetivo da maioria das coisas.

O deixar-se cair e a passagem ao ato suicida na melancolia foram trabalhados por Lacan no *Seminário, livro 10, A angústia* (2005/1962-1963). Com o capítulo intitulado “Passagem ao ato e *Acting-Out* (deixar-se cair e subir no palco)”, o psicanalista francês pontua que a angústia é um afeto e que, por isso, não é passível ao recalque. Para compreender a relação existente entre a passagem ao ato, o *acting-out* e a angústia, é necessário, antes, introduzir a noção de objeto *a* na psicanálise.

O percurso da angústia é traçado por Lacan (2005/1962-1963) a partir da definição do objeto *a*, descrito na notação algébrica propositalmente com o intuito de representar a metáfora da relação sujeito-objeto. Assim, o termo *a* inscreve um objeto externo a qualquer definição possível de objetividade.

Esse objeto pode ser concebido como causa de desejo. É a partir do Outro que o *a* assume seu isolamento, ou seja, é a partir da relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto. Assim, produz-se o esquema:

A		S
\$		A
<i>a</i>		0

**Figura 1.** Segundo esquema da divisão.

Para Lacan (2005/1962-1963), o sujeito posto ao alto é hipotético e parte da função significante. Já o sujeito barrado, que temos acesso, constitui-se no lugar do Outro, como marca do significante. Inversamente, toda existência do Outro fica suspensa numa garantia que falta, e assim, o outro barrado. Desta operação, há um resto, que é o *a*.

A chave deste Seminário de Lacan (2005/1962-1963) é a elaboração deste conceito, do qual a angústia vem a ser uma moldura. O objeto *a* demonstra-se como efeito regulador da entrada na ordem simbólica. Por ser perdido, esse objeto estabelece para o sujeito o regime de contingência de encontros e desencontros no real, mediando a sua relação com o Outro (Carvalho, 2020).

Para Freud (2014/1926), a situação de desamparo que um sujeito tenha “realmente experimentado” é denominada de traumática. O pai da psicanálise faz uma relação entre angústia, perigo e desamparo (trauma), para dizer que a angústia surge como uma reação a um estado de perigo que pode levar à vivência de desamparo.

Lacan (2005/1962-1963) retoma Freud para dizer que a angústia é um sinal no eu. Assim, ele encontra em algum ponto no lugar de ideal do eu, e pode ser sublinhado como a identificação que se encontra essencialmente no princípio do luto, por exemplo. O *a* se insere assim como algo que não *temos mais*. É por isso que, para Lacan, esse *a* pode ser reencontrado pela via regressiva, na identificação. É com a imagem real, constituída como *a* que nos apoderamos ou não da multiplicidade dos objetos *a*.

Antes do estágio do espelho, aquilo que será imagem encontra-se na desordem dos pequenos *a* que ainda não se cogita ter ou não ter, e aí dá-se sentido ao termo “autoerotismo”, que significa sentir falta de si, como pontua Lacan. Ou seja, não é do mundo externo que sentimos falta, mas de nós mesmos.

Freud nos diz que a angústia é um fenômeno de borda, um sinal que se produz no limite do eu, quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer. Este é o *a*, o resto, abominado pelo Outro. (Lacan, 2005/1962-1963, p. 133).

Ao encontrar a origem da angústia no nível pré-especular e pré-autoerótico, Lacan sugere que, se é possível definir a angústia como sinal, quando o eu é constituído, certamente isso não é exaustivo. Desta forma, a angústia começa pelo não-reconhecimento da imagem especular. Para Lacan (2005/1962-1963), se o que é visto no espelho é angustiante, é porque ele não é passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro.

O objeto *a* é então, por essência, isento de qualquer significação, desde que ele está presente em um lugar de falta por excelência, que não encontra sua base nem no imaginário, nem no simbólico. O conceito de objeto *a* não faz referência a nada empiricamente comprovado, pois ele remete ao real, fora da trama significativa que institui a cadeia simbólica. Todavia, a rede de significantes é pensada em suas relações com esta estrutura.

A proximidade da lógica entre o objeto *a* pode ser demarcada por Lacan, por exemplo, quando ele diz: “isso não equivale a dizer que esse objeto seja apenas o avesso da angústia, mas que ele só intervém, só funciona, em correlação com a angústia” (Lacan, 2005/1962-1963, p. 98). Para o psicanalista, a manifestação mais flagrante do objeto *a*, como o sinal de sua intervenção, é a angústia. Nesse sentido, a experiência subjetiva da angústia aponta para o surgimento do que não deveria surgir, o objeto de pura falta, que ali surge para indicar que este lugar lógico deve permanecer vazio. É, então, da constituição do sujeito que aqui se fala, tanto na angústia quanto em relação ao objeto *a*.

Embora a angústia seja admitida como sem objeto, Lacan (2005/1962-1963) pontua que ela não é sem objeto. O termo *sem* ao qual o psicanalista menciona diz sobre um certo tipo de ligação condicional que liga o ser ao ter numa espécie de alternância. Assim, a angústia escancara a falta constitutiva do sujeito. Não é ela enquanto fenômeno que surge desta falta, já que se apresenta logicamente como indicadora e portadora da verdade desta falta. Seu aparecimento se dá quando a própria falta pode faltar. Assim, as ligações entre o conceito de angústia e o conceito de sintoma se fazem notar. O sintoma se vincula à angústia, quando compreendido como testemunha de que o

recalque falhou, e ainda quando compreendido como uma suplência no eu a toda impossibilidade de satisfação (Freud, 2014/1926).

Assim, como pontua Lacan (2005/1962-1963), a angústia pode ser compreendida por três tempos: o mundo, a cena e a cena dentro da cena. De um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime. De outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem de se constituir e assumir um lugar como portador da fala, embora só possa portá-la numa estrutura de ficção. E por último, Lacan menciona, lembrando Hamlet, a ‘cena dentro da cena’, que se refere a uma identificação misteriosa, cujo enigma começa a ser desenvolvido com o objeto do desejo como tal, *a*.

Em relação aos termos passagem ao ato e *acting-out*, Lacan recorre ao objeto *a* para dizer:

O que temos que acentuar hoje é a relação do sujeito com o grande Outro. É a partir do Outro que o *a* assume o seu isolamento, e é na relação do sujeito com o Outro que ele se constitui como resto. (2005/1962-1963, p. 128)

A conceituação destes dois termos que derivam da apresentação do objeto *a* e da angústia, é o que veremos no tópico a seguir com maior detalhamento.

## Passagem ao ato e *acting-out*

A concepção de ato foi introduzida em vários momentos na obra de Freud: os atos falhos, os atos sintomáticos, os atos que surgem no lugar da fala. Para o pai da psicanálise os atos possuem um sentido, embora para o sujeito não pareça. Eles podem aparecer como um sintoma em resposta à angústia ou como uma saída definitiva, por exemplo.

O termo “passagem ao ato”, entretanto, foi cunhado com maior detalhamento anos mais tarde, na obra lacaniana. O “caso Aimée”, descrito por Lacan (1987/1932) em sua tese de doutorado, pode ser

considerado como o marco inicial em sua obra no que se refere à questão do ato. Nesta produção ele diz que, através do ato, o sujeito ataca o Outro e, conseqüentemente, a si próprio, alcançando assim, paradoxalmente, um apaziguamento em relação ao seu delírio. Embora esse caso possa ser considerado como paradigmático na investigação da passagem ao ato, esse termo será elucidado pelo psicanalista apenas em seu *Seminário 10* (Lacan, 2005/1962-1963), em relação à diferenciação com o *acting-out* e a associação com a angústia, como descrito anteriormente.

Na primeira lição do *Seminário 10*, Lacan (2005/1962-1963) propõe um esquema a partir da tríade freudiana da inibição, do sintoma e da angústia, para justificar a presença da angústia como um afeto. O psicanalista aponta que o distúrbio que libera o movimento à revelia do sujeito, como acontece na passagem ao ato, tem estreita relação com a inibição que trava o movimento. Assim, tem-se:

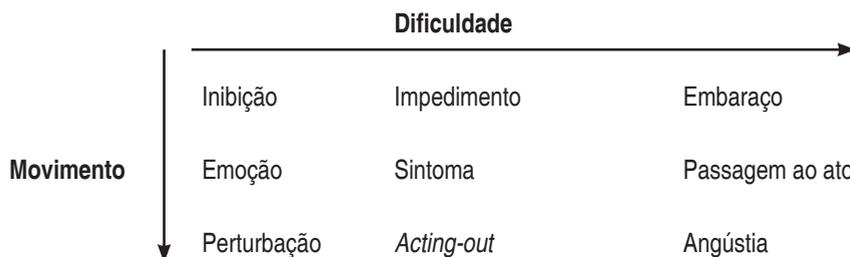


Figura 2. Quadro da angústia.

O esquema parte do princípio de que o sintoma, a angústia, o *acting-out* e a passagem ao ato são estruturas que se desenvolvem a partir da pulsação psíquica da inibição, e que irão surgir de acordo com a localização do sujeito nos eixos de dificuldade e movimento.

Portanto, a precipitação do *acting-out* ou da passagem ao ato depende do momento de confluência entre os graus de dificuldade e de movimento, em que o sujeito pode vir a se situar. A passagem ao ato, por sua vez, peculiar recurso que o sujeito pode vir a utilizar para se defender da angústia, comporta a problemática da identificação total

do sujeito com o objeto *a*. Ela parte da identificação com o resto, com o nada, com um objeto do mundo. Para Lacan, na passagem ao ato o sujeito sai para o mundo, que é o lugar do real, do sem sentido, lugar do objeto *a*, rompendo com a cena que tem sempre o Outro como horizonte. A passagem ao ato é, assim, um corte em relação ao campo do Outro, que é o que determina o sujeito enquanto tal.

É a partir do caso da “jovem homossexual” relatado por Freud (1996/1920), considerado como um dos casos clássicos da psicanálise, que Lacan (2005/1962-1963) apontará a característica estrutural da relação do sujeito com o *a*. O termo passagem ao ato é cunhado a partir da discussão que lhe foi levada por esse caso de homossexualidade feminina, a partir de um *largar mão* [*laisser tomber*], que curiosamente marcou a resposta do próprio Freud em *largar mão* a uma dificuldade exemplar deste caso. E é exatamente esse *largar mão* que está do lado do sujeito, que Lacan fará um correlato essencial da passagem ao ato.

A bela jovem de origem burguesa levada a Freud (1996/1920), era uma adolescente de 18 anos, homossexual, que se fazia notar pelas ruas na companhia de uma dama de má reputação. Em um dia, quando foi capturada pelo olhar furioso do pai vendo-a passear de braços dados com ela, relatou à parceira a desaprovação dele frente à relação das duas, o que fez com a dama também a rechaçasse, pedindo para que ela nunca mais a procurasse. Neste momento, a jovem sai correndo e se lança de uma ponte que dava para a linha ferroviária. Enquanto para Freud a cena organizada por ela endereçava ao pai uma mensagem indizível, Lacan (2005/1962-1963) lê o comportamento como um *acting-out*. Como passagem ao ato ele irá interpretar a tentativa de suicídio da jovem que segue ao olhar de desaprovação do pai quando a encontra passeando com a dama. Lacan (2005/1962-1963) então conclui que a passagem ao ato se refere a uma retirada da cena do mundo, e o *acting-out* como algo que se organiza, que diz alguma coisa, que “sobe à cena”, endereçado a um Outro.

Retomando a conceituação da melancolia de Freud, Lacan (2005/1962-1963) relaciona a passagem ao ato como um apagamento do sujeito, como o embaraço maior deste, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. Como a própria

estrutura da passagem ao ato, nomeia: “É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que como sujeito fundamentalmente historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito –, ele se precipita e despenca fora da cena” (p. 128).

A partida é justamente a passagem da cena para o mundo (Lacan, 2005/1962-1963). De um lado, o mundo, o lugar onde o real se comprime e, de outro lado, a cena do Outro, onde o homem como sujeito tem que se constituir e assumir um lugar e fala, numa estrutura de ficção. Enquanto Freud sinalizava a angústia no eu como um fenômeno de borda – quando este é ameaçado por alguma coisa que não deve aparecer, Lacan incluirá o objeto *a* como aquilo que não temos mais, e que pode ser reencontrado pela via regressiva sob a forma de identificação, como explicado anteriormente. A identificação absoluta com o objeto *a* é destacada como evasão da cena, um corte em relação àquilo que é da ordem da cena, ou do inconsciente, que é rejeitado. Para Lacan, a passagem ao ato caracteriza-se por uma queda a partir da identificação absoluta ao objeto e à uma evasão da cena:

A que chamamos fuga, no sujeito que nela se precipita, sempre mais ou menos colocado numa posição infantil, senão a essa saída de cena, à partida errante para o mundo puro, no qual o sujeito sai à procura, ao encontro de algo rejeitado, recusado por toda parte. [...] Ele vira fumaça, como se costuma dizer, e, é claro, retorna, o que talvez lhe dê ensejo de ser valorizado. A partida é justamente a passagem da cena para o mundo. (p. 130).

O *acting-out* por sua vez, é o oposto da passagem ao ato, ele é uma entrada em cena (não uma saída). A relação profunda do *acting-out* com o *a* revela alguma coisa que é mostrada na conduta do sujeito, de orientação para o Outro. Para se afirmar como verdade, o desejo envereda por um caminho de uma maneira singular, articulado objetivamente com o objeto causa de desejo. O *acting-out* é em essência, a mostra, a mostragem velada para o sujeito que atua, na medida em que isso fala, na medida em que poderia ser verdade. É um ato visível ao máximo e é justamente por isso que, num certo registro é invisível, mostrando a sua causa. Para Lacan (2005/1962-1963), o essencial do que é mostrado é esse resto, a sua queda, o que sobra

nessa história. O *acting-out* é um sintoma que também se mostra como outro, e a prova disso é que ele deve ser interpretado – aliás, ele clama pela interpretação.

O termo *acting-out* já havia sido empregado por Lacan em “Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud” (1998/1954), como um modo peculiar de interferência entre o simbólico e o real. O real é então definido como o domínio do que subsiste fora da simbolização primordial. O que é cerceado no simbólico, “o que não veio à luz do simbólico” (Lacan, 1998/1954, p. 390). O *acting-out*, assim como o fenômeno da alucinação, é atribuído à ruptura da cadeia simbólica e à emergência de gozo imaginário.

Retornando à lição do *Seminário 10*, Lacan (2005/1962-1963) afirma que o *acting-out* é uma ação como as outras, mas que se distingue pelo fato de ser um resultado da utilização da transferência, e que é imputado à análise quase que por natureza. No cerne da transferência, o *acting-out* teria a função de demonstrar que alguma coisa ficou faltando numa análise, isto é, ele encena que algo diferente deveria ter sido realizado. Assim, pode-se dizer que, o *acting-out* ganha uma nova moldura em relação ao sintoma, ao ato falho, à fantasia e ao ato (analítico ou em outras cenas e ‘acidentes’ da vida).

O *acting-out* tem-se uma ênfase demonstrativa, de orientação para o Outro. Os significantes “mostrar” e “demonstrar” aparecem na obra de Lacan para isolar um desejo cuja essência é mostrar-se como outro. No *acting-out*, para se afirmar como verdade, o desejo envereda por um caminho que só é possível ser feito de uma maneira singular, uma vez que a verdade não é a natureza do desejo. Nesta definição, o desejo é articulado objetivamente como objeto causa do desejo.

Assim, o *acting-out* denuncia algo da ordem do desejo e traz a marca da compulsão à repetição, em que o sujeito coloca em cena o objeto *a*, e desta forma se salva de uma identificação maciça com o objeto. No *acting-out*, o sujeito não sai de cena. Pode-se dizer que é uma forma alienada em relação ao próprio desejo de convocar o Outro, para que o Outro lhe responda sobre o seu desejo.

É importante salientar que tanto a passagem ao ato quanto o *acting-out* referem-se a uma relação peculiar com o objeto *a* e com a angústia. Enquanto o objeto é mostrado na cena dirigida ao Outro, na passagem ao ato a angústia passa ao ato na medida em que há a identificação absoluta com o objeto em jogo (Brunhari & Darriba, 2014).

O objeto *a* triunfa no suicídio melancólico como triunfa no capitalismo de nossos tempos, onde os suicídios não são poucos (Gallo, 2021). Se é a um significante que cai que se identifica o sujeito, o capitalismo impõe a ele um 'não desejo' ao mesmo tempo em que o introduz a uma indignidade que escurece o seu mundo cada vez em que se vê caído ou falido. No momento da passagem ao ato, o sujeito não se apresenta como dividido, pois se encontra identificado na condição de objeto que cai como resto significante.

Em seu seminário sobre o ato psicanalítico (1967-1968), Lacan dirá que a passagem ao ato desvela a estrutura fundamental do ato. Para ele, uma dimensão comum do ato é a de não comportar, no seu instante, a presença do sujeito. O ato é sem Outro, se realiza em um instante, e a sua temporalidade encontra-se no corte que ele instaura, na surpresa de seu acontecimento, no efeito de novidade que ele produz. Para o psicanalista, o ato constitui-se como um verdadeiro começo, justamente no que esse começo tem de novidade, de marca inaugural. Ele é ligado à determinação do começo, e muito especialmente, ali onde há a necessidade de fazer um, precisamente porque não existe.

Em uma releitura do conceito de passagem ao ato de Lacan, Miller (2014) pontua que na contemporaneidade formamos um ideal de certo tipo de ato, que responde sempre a uma deliberação científica, matematizada ou simplesmente racional. Ideal esse que supõe que o pensamento funcione em uma suspensão temporal, devidamente calculada, como se o ato fosse a conclusão de uma demonstração. Todavia, a clínica da passagem ao ato nos lembra da inscrição temporal inevitável do ato, porque ela parte de uma urgência. Desta forma, os modelos 'preventivos' ao suicídio ou a temporalidade proposta pela cientificidade da psiquiatria produz consequências, como a ilusão de que o sujeito possa se identificar à uma 'utilidade' ou de estar sempre bem. Para Lacan, como pontua Miller, a clínica do ato questiona esse

postulado de que o sujeito quer sempre o seu próprio bem, e que por isso a clínica do suicídio não é assim tão racional: “Se há verdadeiramente algo que se opõe a esse ideal, é a autodestruição” (p. 4).

Há algo no sujeito susceptível a não trabalhar para o seu próprio bem; susceptível a não trabalhar pelo útil, mas que, pelo contrário, trabalha para a destruição. Todo ato verdadeiro, no sentido de Lacan, é assim, digamos, um suicídio do sujeito. (p. 5).

E é exatamente isso que constitui um ato: o sujeito não é mais o mesmo antes e depois. Todo ato verdadeiro parte de uma transgressão (Miller, 2014). Ele é delinquente e comporta sempre uma ultrapassagem de um código, de uma lei e de um conjunto simbólico que ele infringe. Podemos pensar nessa perspectiva inclusive para a clínica com adolescentes que discutiremos mais adiante, marcada por atos e atuações. O ato suicida, para Miller, ilustra uma disjunção entre bem e mal-estar e alcança um curto-circuito entre o sujeito e o gozo, que o sujeito ama como a si mesmo. Gozo este que o sujeito sustenta em seu sintoma, que, no entanto, lhe faz mal. Lacan (citado por Miller, 2014) chama de ato o que visa o cerne do ser: o gozo.

Para Miller (2014), o ato visa sempre o definitivo e no cerne de todo ato há um “não” proferido ao Outro, uma recusa. Na passagem ao ato não há mais espectador, há o desaparecimento desta cena proposta por Lacan (2005/1962-1963) no *acting-out*. O ato é sempre “auto”, ele é precisamente o que separa o sujeito do Outro.

Para Lacan (Inédito), o único ato que pode ser considerado bem-sucedido é o suicídio, sob o preço de não querer mais saber sobre nada, pois ele é sem equívoco, sem volta, de separação efetiva do Outro. Em contrapartida, o ato experimentado na clínica analítica é o ato falho, o do pensamento inconsciente que faz emergir o pensamento consciente, na fala e no corpo e que permite um deslocamento do ato. Se a essência do pensamento é a dúvida, a essência do ato é a certeza. Um ato não é uma agitação, um reflexo ou uma descarga motora. Um ato é para Lacan (citado por Miller, 2014) uma passagem, um franqueamento.

O ato, todavia, tem sempre um lugar de um dizer. Para Miller (2014), não basta um fazer para que haja um ato; não basta que haja

movimento ou ação. É preciso que haja também um dizer que enquadre e fixe este ato. Ou seja, para que haja um ato é necessário que o sujeito nele seja modificado por esse franqueamento significativo. Assim, o ato é indiferente ao seu futuro, porque ele é fora de sentido, ele é sem depois, ele é em si. Segundo Miller, a clínica da passagem ao ato deve-se ocupar do suicídio enquanto ele se anuncia como solução da dúvida, onde ele não está de modo algum em primeiro plano.

A clínica com adolescentes parte de uma discussão da transgressão, de um sujeito que questiona em ato a ordem estabelecida, enquanto experimenta a decadência da função social e da família e a impotência do Outro simbólico, que já não funciona mais como suporte da tradição. (Gallo, 2021). No próximo item nos aprofundaremos mais sobre a clínica destes sujeitos e os atravessamentos que marcam as atuações como uma saída possível para eles.

## Adolescência e ato

A adolescência não é um conceito psicanalítico, como destacou Stevens (2004). Este é um termo relativamente recente desenvolvido pelo campo sociológico, que, sob uma base biológica, tornou-se de uso da psicologia. Trata-se de considerar um período particular da vida a ser isolado e distinguido da infância e da idade adulta.

Freud não fez apresentar uma definição teórica clara sobre a terminologia da adolescência, mas fez contribuições importantes sobre as consequências psíquicas oriundas da saída do sujeito da infância. Para discorrer sobre o momento púbere, Freud (1996/1905) recorreu à teoria da sexualidade, para dizer que esta é dividida em três momentos: perversões sexuais, observação da sexualidade infantil e puberdade. Para ele, é na última que irá emergir de forma reatualizada, todas as escolhas de objetos sexuais feitas pelo sujeito ao longo da vida. Segundo o psicanalista, é neste momento que se apresenta um imenso trabalho psíquico de elaboração da perda da condição infantil e assunção de um posicionamento no campo sexual e social, assinalado pela impossibilidade e pela falta.

Para Freud (1996/1905), a puberdade é o momento no qual os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança retornam reanimados. Os impulsos agressivos são despertados e outros novos ímpetus libidinais surgem como predisposições destrutivas. Para Freud, é nessa época que o organismo funciona como um “desencadeador de angústia”, sinalizando desamparo e exigindo um processo de reorganização psíquica.

Stevens (2004) define a adolescência como um sintoma da puberdade. Para ele, na saída da infância o sujeito encontra-se com “todos os possíveis” e com um “impossível”. A adolescência é a enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação ao impossível encontrado na puberdade. No momento em que entra na adolescência, o sujeito ainda não se decidiu totalmente quanto à sua posição sexual, mas é quando se vê de frente com a necessidade de repassar as suas escolhas de objeto, e tem que decidir sua escolha pela existência.

O não saber provocado pela não relação sexual outrora pontuado por Lacan, intrínseca na condição humana, faz para o sujeito um sintoma (Stevens, 2004). Trata-se de uma resposta do sujeito ao vazio estrutural. Por outro lado, o adolescente procura a resposta pela fantasia, que falha quando é confrontada com as novas problemáticas do sexo. Para o autor, as passagens ao ato são respostas clássicas às fantasias que falham. Estas servem de últimas barragens à angústia. Tem-se então, o suicídio contra a angústia, como saída de cena para evitar a angústia.

O que Freud demarca como o período da puberdade, Lacan (2003/1974) retoma como “furo no real” no qual ninguém escapa ileso. Ao comentar sobre a peça *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind (1864-1918), o psicanalista francês discorre sobre as noções de inibição, sintoma e angústia para dizer que o que faz barra à angústia é o sintoma. Quando o sintoma falha, surge um real por meio do *acting-out* ou da passagem ao ato, conforme pontuamos anteriormente. Exerce função de real aquilo que efetivamente se produz, a fantasia da realidade comum. Para Lacan, além do encontro com o sexo, na adolescência surge uma eclosão com o real que coloca os sujeitos que estão em cena uma questão viva, transposta na angústia. E ela que levará o suicídio de um dos adolescentes da peça.

Segundo Cosenza (2018), a adolescência é um trabalho de simbolização em torno do nó mais radical que o desejo do sujeito: o objeto que o causa. Para o psicanalista, a adolescência funciona a partir de um tempo lógico, definido por Lacan (1998/1944) como uma função de um vínculo a ser estabelecido a partir da maturação do objeto *a*, que é o objeto causa de desejo. A adolescência é, portanto, um tempo em que alguma coisa retorna da infância, algo que se repete, um tempo em que a questão edipiana da criança é reativada nos termos em que foi elaborada na infância e deixada inconsciente pelo recalque, na fase de latência. Ao mesmo tempo, para Cosenza (2018), a adolescência é também um tempo lógico que demanda algo novo para que o sujeito consiga atravessá-la. Ou seja, ela o é somente com a condição de um reposicionamento do sujeito em relação ao objeto *a*, num quadro novo e sustentável para ele na vida adulta.

O adolescente está em busca de uma nova linguagem e de uma maneira pessoal de nomear-se em torno do seu laço social, e neste processo está em busca de um Outro que esteja em condições de reconhecê-lo. (Cosenza, 2018). O tempo lógico é necessário ao sujeito para percorrer esse trajeto da reemergência pulsional diante da puberdade, entre a separação da sua infância e o atravessamento da trajetória problemática. É então nessa delicada transição, como afirma Cosenza (2018), que se deve situar o tempo da “crise” na adolescência a partir da abertura de todas as questões fundamentais da existência.

A sociedade atual não fornece artifícios simbólicos como ritos que permitem fazer a passagem sem dúvidas entre a adolescência e a vida adulta, promovendo assim, uma adolescência sem fim (López, 2019). Para o autor, a adolescência de hoje parece estender-se como um tempo para compreender, que não alcança nunca o seu ponto de capitón, nem mesmo quanto a ser um homem ou ser uma mulher.

Por outro lado, há que se marcar também o papel do Outro contemporâneo que não parece disposto a escutar o adolescente, nem lhe oferecer saídas distintas, deixando-o abandonado a um horror de um abismo irreconciliável. (Gallo, 2021). Quando um sujeito adolescente toma a decisão de não continuar vivendo é porque a sua existência se converteu em algo sem valor. “Ninguém se suicida por causa de uma

crise temporal de ser; o faz porque se sente afundado definitivamente em um desejo nada distinto da sua aniquilação” (p. 117). Para o autor, o suicídio aparece como opção para esse sujeito quando o sentimento de exclusão, de não poder estar à altura e de não merecer, se vinculam com uma queda radical daquele simbólico que o orientou.

Para o antropólogo David Le Breton (2018) o “desaparecer de si” tornou-se uma tentação contemporânea. O jovem debate-se em um mal-estar difuso, difícil de discernir. No discurso de muitos adolescentes, a morte visada através de tentativas de suicídio é uma espécie de um sono do qual é possível despertar um dia, o que faz com que a morte não seja uma morte propriamente dita, mas uma forma de desaparecimento para estancar o fluxo doloroso dos pensamentos. A exemplo disso, observou-se como tendência na famosa rede social TikTok, em 2021, uma *trend* nomeada “realidade desejada”, um fenômeno onde os jovens poderiam experimentar ‘viajar’ através do sono para uma realidade paralela, possibilitando estar em um lugar qualquer, com a promessa da fuga da “vida real”.

O antropólogo chama a atenção para a tentativa de morte a partir da apropriação indevida de medicamentos, cuja virtude é provocar o sono, e que não por um acaso, é o meio mais utilizado entre os adolescentes. “São os mesmos medicamentos prescritos pelos médicos que servem para as tentativas de suicídio” (Le Breton, 2018, p. 84). Para o autor, o jovem se ocupa de um “branco” que não é de fato um vazio porque ainda há um sentido, mas da tentação de não estar mais ‘presente’, para livrar-se do vínculo social. Tentação esta que pode ser ofertada inclusive pelo virtual, onde é possível prescindir do rosto à sombra de um avatar ou de um pseudônimo. O virtual não é um nada, é uma oferta da ausência do mundo em benefício das relações sem voz e sem rosto. (Le Breton, 2018).

Miller (2015) aponta que a adolescência é uma construção, e que por isso comporta sempre a convicção – segundo o espírito de sua época – de que tudo é construído, tudo é artifício significante. Visto que a adolescência é uma construção, nada mais fácil que a desconstruir ou estendê-la. Com a incidência do mundo virtual, o psicanalista denuncia uma nova relação com o saber, que agora encontra-se auto-

maticamente disponível mediante a uma simples demanda formulada à máquina, como se o saber estivesse no bolso e não fosse mais um objeto do Outro. Frente a isto, nos deparamos com novos sintomas articulados ao laço social que podem ser convertidos em fenômenos de massa, como o alcoolismo, as toxicomanias, as anorexias-bulimias e até os suicídios em série. A adolescência é, portanto, um momento em que a socialização do sujeito pode se fazer sob o modo sintomático.

Focchi (2009) ressalta que é na clínica que é possível encontrar traços constitutivos dos sintomas ou do mal-estar remontados sempre ao tempo da adolescência. Para ele, o momento constitutivo do sintoma é a adolescência, porque é um tempo no qual o encontro com o real como abertura do possível deixa um traço. É à luz disso que devemos considerar o fato de que as lembranças encobridoras são o equivalente freudiano do sintoma, o traço do atravessamento do limiar, com o qual o sujeito poderá ou não se identificar.

Sobre a construção das identificações na adolescência contemporânea, Ansermet (2018) ressalta que a identidade é uma construção, um processo indenitário que culmina na construção de algo que é singular em cada caso, e que não existe uma referência essencialista da identidade masculina ou feminina. Para o psicanalista, não há, tampouco, universais a respeito, nem solução cunhada; quanto ao uso da diferença sexual não há soluções universais, válidas para todos.

Quando a sexualidade está em jogo, a identidade entra inevitavelmente em crise, e também o desejo, revelando um gozo opaco e enigmático, desconhecido (Ansermet, 2018). “Esse gozo transtorna todas as expectativas até então regidas pelos ideais do sexo: só resta ao sujeito encontrar seu próprio caminho entre identidade e desejo, entre eleição do sexo e eleição de gozo” (p. 12).

Para Lacadée (2007), na atualidade os jovens pensam no insulto e o vivem como verdadeiro, sustentando-o como autêntico e proferindo-o sem contenção. Segundo o psicanalista, pode-se ler as passagens ao ato e os fenômenos de violência como a falta de tradução possível em palavras: “Onde falta a tradução, surge o ato como curto-circuito desta” (p. 130). Existe, para o autor, provocações na linguagem que

se referem a um excedente de sensações que impedem a tradução em significantes, que são inerentes ao momento de transição da adolescência.

Este período é, para ele, caracterizado pelo confronto ao novo, de sensações e tensões que não possuem palavras que possam traduzir o que lhes acontece no corpo ou nos pensamentos, e que num dado momento, o adolescente não pode fazer de outra forma, senão deixar-se capturar pela atração de um ato a ser efetuado, como se ele fosse mais autêntico do que as palavras. Há, para Lacadée (2007), uma confrontação com a linguagem ou uma violência que se traduz através de um ato, de um real que o simbólico não dá conta.

Para o psicanalista, existe um gozo que faz com que o sujeito não queira necessariamente o seu próprio bem, e queira conscientemente ou não, prejudicar-se. A clínica do ato suicida é, para ele, aquela que ilustra melhor esse paradoxo. É como se existisse para todo sujeito, uma tensão entre o ideal do eu, que lhe diria como fazer com a sua vida, e, por outro, uma região obscura que habita profundamente o ser e que diz respeito à sua parte pulsional. Para ele, o adolescente é parasitado pelas suas pulsões sexuais, que podem ocupar toda a cena da vida, da qual ele pode se envergonhar. E é aí que ele pode não conseguir autenticar, traduzir em palavras a angústia, a vergonha ou a solução radical de uma passagem ao ato.

Sobre essa “tendência a agir” incorporada aos adolescentes, Alberti (1996) salienta que é preciso considerar que a ação precisa ser compreendida sempre como algo particular e singular de cada sujeito. Ou seja, mesmo que um ato possa ser praticado sob uma determinação ou outra, ele pode levar a consequências bastante diferentes.

Uma mesma tentativa de suicídio - eu me refiro aqui à tentativa de suicídio como paradigma do ato - pode ter determinações distintas: de um lado, como efeito de um pensamento-ação, ela implica total alienação ao Outro, durante a qual o ser do sujeito se apaga, pois está identificado com o discurso deste; de outro, como efeito de uma separação, implica a queda do sujeito da cadeia significativa, deixando de lado todo pensamento inconsciente, de maneira a

despedir-se de tudo o que o determina como sujeito no Outro, no inconsciente. (Alberti, 1996, p. 63).

Pensar o ato no contexto da adolescência a partir das noções anteriormente discutidas de Freud e Lacan nos insere em um contexto ético, em contraposição à noção psicologizante de tendência a agir no comportamento adolescente. (Alberti, 1996). Diferentemente dos padrões sociais quanto à temática, a psicanalista pontua que é apenas na condição de sujeito que o ser se atém à cena. “Como o sujeito é essencialmente historicizado, no momento em que sai da cena, perde o que mantém a determinação histórica de sua subjetividade. Ao passar ao ato, portanto, o sujeito rompe com o que o mantém como tal, interferindo num destino previamente traçado” (Alberti, 1996, p. 84).

Para López (2019), o despertar do real na puberdade alude à irrupção de um gozo êxtimo ao corpo frente ao qual o sujeito não sabe como responder. Esse não saber é efeito do traumatismo que a linguagem produz em cada ser falante de um modo singular. Onde deveria haver um objeto harmônico para a satisfação do ser falante, há um furo, e o sujeito deverá se virar com isso. No melhor dos casos, o adolescente se responsabiliza e consente com a sua posição de gozo na fantasia, em outros casos não há esse consentimento. Ao não se responsabilizar por seu gozo, surgem impasses nessa passagem adolescente.

## Considerações finais

A eleição do gozo como resposta à inexistência da relação sexual se constitui a partir da puberdade. A fantasia é a via para responder ao encontro com o Outro sexo. Em alguns casos, a fantasia vacila e o sujeito não pode responsabilizar-se nem consentir com a sua posição de gozo na fantasia. Diante dessa vacilação fantasmática, o sujeito pode identificar-se com o objeto *a* como resto. A passagem ao ato suicida pode ser a última consequência de uma vacilação da fantasia na neurose. O desencadeamento psicótico, como queda no furo forclusivo, implica uma perda radical de sentido, que se evidencia na melancolia (López, 2019).

Na contemporaneidade, o ato aparece como uma saída cada vez mais recorrente, pois o Outro é muito inconsistente. Diante do excedente de gozo despertado no encontro com o real, o adolescente não dispõe do recurso ao Outro do simbólico, e pode descobrir então, a passagem ao ato como solução.

Para o psicanalista, o dever ético da adolescência é o de “encontrar uma língua para dizer sobre si ao Outro”. A crise da adolescência é uma crise da linguagem: o ser do sujeito já não encontra mais um modo de articulação possível à língua do Outro. Tal crise é vivenciada como uma experiência de bizarro sofrimento, fato que vem reforçar a importância de o laço social oferecer espaços de qualidade de escuta que acolham e legitimem as suas angústias.

## Referências

- Alberti, S. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Contra Capa.
- Ansermet, F. (2018). Eleger o próprio sexo: usos contemporâneos da diferença sexual. *Opção Lacaniana online - nova série*, 9(25-26), 1-16. [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_25/Eleger\\_o\\_proprio\\_sexo.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_25/Eleger_o_proprio_sexo.pdf)
- Brunhari, M. V., & Darriba, V. A. (2014). O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. *Psicologia Clínica, Rio de Janeiro*, 26(1), 197-213. <https://www.scielo.br/j/pc/a/CMjFkrtGjt3KvY3GNDn6wPp/?lang=pt&format=html>
- Carvalho, F. F. (2020). A passagem ao ato como resposta do real. In Greco, M., Carvalho, & D., Reggiani, N. (Orgs.). *Ponto final?: Indagações em torno da questão do suicídio*. Associação Imagem Comunitária.
- Cosenza, D. (2018). *A recusa na anorexia*. Scriptum.
- Focchi, M. (2009). A adolescência como abertura do possível. In *Almanaque Psicanálise*. <http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Marco-Focchi-A-adolescencia-como-abertura-do-possivel-Versao-final-2.pdf>
- Freud, S. (1969/1901). A psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, trad., v. 6, pp. 13-333). Imago.
- Freud, S. (1969/1910). Breves escritos: Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund*

- Freud: *Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, trad., v. 11, pp. 217-218). Imago.
- Freud, S. (1969/1917). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, trad., v. 14, pp. 275-291). Imago.
- Freud, S. (1996/1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, trad., v. 7, pp. 129-238). Imago.
- Freud, S. (1996/1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (J. Salomão, trad., v. 18, pp. 185-212). Imago.
- Freud, S. (2014/1926). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (P. C. de Souza, trad., v. 17, pp.13-123). Companhia das Letras.
- Gallo, H. (2021). *Por qué se suicida un adolescente: pasaje al acto, urgencia y acto*. Grama Ediciones.
- Lacadée, P. (2007). A passagem ao ato nos adolescentes. *Revista Asephallus, Rio de Janeiro*, 2(4). [http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_04/traducao\\_02.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/traducao_02.htm)
- Lacan, J. (1967-1968). *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito. Publicação não comercial, exclusiva para circulação interna e uso da Universidade Federal de Minas Gerais.
- Lacan, J. (1987/1932). *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Forense-Universitária.
- Lacan, J. (1995/1956-1957). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Jorge Zahar. (Campo Freudiano no Brasil)
- Lacan, J. (1998/1944). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 197-213). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998/1954). Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 381-401). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003/1974). Prefácio a *O despertar da primavera*. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 557-569). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005/1962-1963). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Jorge Zahar. (Campo Freudiano no Brasil).
- Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Vozes.
- López, G. (2019). *Adole(seres): la orientación a lo real en la clínica psicoanalítica con adolescentes*. Grama Ediciones,
- Miller, J. A. (2014). Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana On-line*, 5(13), 1-13. [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_13/passagem\\_ao\\_ato.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_13/passagem_ao_ato.pdf)

- Miller, J. A. (2015). *Em direção à adolescência*. Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança. <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia>
- Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Revista Curinga - Clínica do contemporâneo*, Escola Brasileira de Psicanálise – Escola do Campo Freudiano (20), 27-39. <https://ebp.org.br/mg/2020/11/07/curinga-020/>
- Wedekind, F. (2008/1891). *O despertar da primavera*. (M. A. Silva Melo, trad.). Estampa.